O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

27.° Anno — XXVII Volume — N.° 901

10 DE JANEIRO DE 1904

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS LISBOA

S. M. a Rainha Senhora D. Amelia

(Photographia do sr. Camacho)

ARCHIVO MUNICIPAL

CHRONICA OCCIDENTAL

E' naturalmente para ver se se muda o curso vulgar ao tempo que ao anno novo lhe querem chamar o anno bom. E' lisongeal-o, para apanhar um ar da sua graça. Nem a todos elle o concede.

Que o diga o pobre Visconde de Claverie, tão nosso conhecido, tão popular em Lisboa, para onde viera ha annos, correspondente do *Figaro* de Paris.

Alto, magro, com um bigode e pera muito brancos, farripas a voarem de sob as abas do chapeu, comprida gravata cahindo-lhe sobre o peitilho desabotoado, ás vezes de casaca, sempre de chapeu alto e ao hombro um fragil casaco de abafar, livros e massos de jornaes na mão, corria as ruas, as repartições, apparecia em toda a parte: festas populares, inaugurações de caminhos de ferro, recepções de monarchas, viagens regias, *meetings*, fosse o que fosse, sempre no mesmo traje, fazendo perguntas, tomando apontamentos, muito fino, falando francez como um parisiense, mas intercalando-lhe portuguesismos: —«*Vous ne trouvez pas que c'est maçade?*

Foi encontrado morto na casa em que vivia só, no pateo do Tijolo, sentado n'uma cadeira, braços pendentes, mãos já tingidas dos livores da morte.

Era um velho, um bom velho por signal. O inverno é mau para os velhos. A morte d'estes deixa-nos uma saudade; mas emfim viveram. Os invernos hão de ter para elles um limite.

A's vezes até o approximar da morte lhes ha de ser talvez consolação, que é ponto ao soffrimento.

Um, que fôra soldado na India, a decadencia das forças, levou-o a andar por ahi a vender cautelas e foi ha dias encontrado morto de frio. Era um velho e foi-lhe a morte beneficio.

Mas aquelle estudante que, ha dias, na escola do exercito, por uma imprudencia, metteu na testa a balla d'uma pistolla, esse é que morrendo, levou a morte aos corações de quantos n'elle haviam fundado as melhores esperanças d'uma velhice perfumada pela gloria. Quem diria á desgraçada mãe de Fernando d'Albuquerque que, meia duzia de horas depois de o haver beijado alguem lhe diria: —«Deste no teu filho o teu ultimo beijo?»

Rico, intelligente, havendo deixado fama na Universidade, onde se formou em philosophia, agora seguia com brilho pouco vulgar o curso de engenheiro.

Como é triste deixar apenas, para que se conte, a historia d'umas esperanças que se deram, do sonho que se desfez como estrella cadente que apenas illumina a terra um instante para depois mais tenebrosa deixar a noite!

Para estas mortes é que não ha consolações senão as que descem milagrosamente das estancias superiores para onde as almas subiram.

Os velhos deixam historia: viveram.

Muito os jornaes agora falaram da Princeza Mathilde, d'essa que tão amiga foi de muitos homens de letras e artistas francezes e a que os Goncourt tanta vez se referem em seu jornal. Tinha mais de oitenta annos, deixou muito para contar-se.

No discurso da corôa se referiu El-Rei ao papa Leão XIII. A vida d'este papa encheu quasi um seculo; muito fez e coisas muito grandes, que admira então que tão largamente d'elle se occupassem os oradores nas primeiras sessões das camaras?

A politica ficou para mais tarde; Leão XIII, que foi das mais intensas luzes do seculo em que viveu, tinha direito áquella homenagem.

Dias não faltam em que os outros assumptos serão mais ou menos detidamente, com mais ou menos rhetorica, tratados no parlamento. Reuniram-se já as maiorias; hoje as minorias se devem reunir em casa do conselheiro sr. José Luciano de Castro, felizmente restabelecido.

Vae tratar-se dos assumptos caseiros, emquanto os politicos de todo o mundo teem os olhos postos no extremo oriente, onde a situação é gravissima. O *Daily Telegraph* affirma que já nos centros diplomaticos, dos até agora mais optimistas, se reconheceu ser inevitavel a guerra entre a Russia e o Japão.

Tão longe, como estão, de nós, hoje tão longe não estamos de nos dever interessar pelo caso. D'aquelles paizes conhecemos pouco, mas já mais alguma coisa agora, desde que a litteratura russa se tornou nossa conhecida e sobre o Japão foi em portuguez publicado um livro superior, digno de ser lido por quantos a boa litteratura portugueza interessa e que bastaria para dar fama de excellente escriptor ao sr. Wenceslau de Moraes.

Tambem o theatro nos tem approximado d'esta gente: em D. Amelia ainda ha pouco se representou a *Resurreição de Tolstoi* e, ha pouco ainda, ali vimos a extraordinaria Sada Yacco, tão discutida e tão mal avaliada por alguns.

Bom theatro é sempre aquelle que sabe educar e por isso aqui havemos sempre e com justa razão elogiado o Visconde de S. Luiz que tão excellentes companhias tem trazido a Lisboa e nos tem dado a conhecer o melhor que existe na litteratura theatral estrangeira. Bem sabemos que ha excepções e que grandes estrellas nos teem apurado a paciencia com velharias e peças de cordel e cordelinhos, mas d'olhos postos na media, deitemos-lhe a absolvição.

Não descança, nos intervallos que lhe dão os estrangeiros, a companhia portugueza, e os auctores portuguezes continuam mostrando-lhe quanto a distinguem. Coube agora a vez a Eduardo Schwalback, cuja nova peça, *A cruz da esmola*, ali foi representada pela primeira vez na passada sexta feira.

Havia muito, pode dizer-se desde *O Intimo*, que Schwalback não tentava o drama. Attrahiram-o a comedia e a revista em que foi eximio; duas ou tres vezes, não desdenhou escrever a sua opera comica, e o drama, que sempre ia pondo de parte para em mais socegados dias o compôr, esperava-o para maior gloria.

Um triumpho de Schwalbach, querido de todos, é sempre uma alegria no theatro. Não o podemos n'elle acompanhar d'esta vez, porque nol-o não permittiu a falta de saude, mas d'aqui, com o maior enthusiasmo, lhe enviamos o nosso abraço.

EDUARDO SCHWALBACK

Que trabalho immenso o de Schwalbach, desde aquella pequenina comedia n'um acto que escreveu para o Taborda, o nosso grande actor, a maior gloria do theatro portuguez, querido velhinho que, no dia 8 d'este mez, completou 80 annos, nem mais nem menos, e sempre com o seu talento no maior brilho, e sempre com o condão, que uma fada boa lhe deu, de nos despertar o riso, o riso bom, que chega ás almas.

Seja dita a verdade: n'esse riso com que o saudamos no *Meaico á força*, nos *Medicos*, no *José do Capote*, no *Ventura, o bom velhote*, ha por vezes uma lagrima. Uma lagrima boa, de enternecimento.

Vi-a, uma vez, nos olhos d'uma criança de quatorze annos, quando todos applaudiam o grande artista. E ella perguntava, muito espantada: —«Porque estou eu chorando?»

PORTUGAL DA SILVA

Taborda é um dos artistas maiores do mundo. E' uma genuina gloria nossa.

De velhos passemos ás crianças. Que linda festa lhe fizeram os bons corações, dia de Reis, no theatro D. Amelia! O «Diario Illustrado» a promoveu e as criancinhas pobres tiveram um dia de contentamento. Musica, versos de grandes poetas, brinquedos. Que mais queriam ellas para uma hora de alegria? Dias negros demais hão de ellas tel-os na vida. Bemditos sejam os que lhes déram um bocadinho de luz.

STUART TORRIE

LUIZ DE AMORIM

Das crianças voltemos aos artistas.

Artistas temos nós, se os temos! Assim as artes merecessem maior protecção, assim elles se não vissem, quanta vez, sujeitos a miserias, e peor ainda, á indifferença de muitos e á inveja de impotentes.

D'algumas excepções, porém, havemos de falar, e não deixaremos por isso de dar conta aqui da inauguração do busto do Visconde de Valmôr, erguido sobre um modesto pedestal em frente da Academia de Bellas Artes. Assim lhe pagaram os artistas portuguezes o muito que lhe deveram e os valiosos donativos com que por sua morte assegurou o desenvolvimento artistico em Portugal.

Mais uma obra d'arte de Teixeira Lopes póde ser admirada pelo publico.

D'arte ainda falando, alegre-nos saber quanto ella é apreciada e querida nas mais altas regiões da sociedade portugueza. Falámos já aqui do primoroso livro, *O Paço de Cintra* illustrado pela Rainha, sr.ª D. Amelia; de El-rei D. Carlos são conhecidos os meritos artisticos relevantes. Uma delegação da Academia Real de Bellas Artes, presidida pelo sr. Visconde de Athouguia, foi na quinta feira recebida no paço e fez entrega a El-rei do diploma de academico de merito, dizendo o sr. Visconde que não era aquelle diploma simplesmente homenagem ao chefe do estado, mas ao artista cujo talento fôra affirmado em successivas exposições.

Reis artistas! Será verdade que o seja o papa tambem? Affirma-se que a musica de egreja lhe merece os maiores cuidados; diz-se agora que trata de prohibir nos templos as imagens que deixem de obedecer ás rigorosas exigencias da esthetica. São as palavras do telegramma. Pois bem haja Pio X, se conseguir que se não toquem zarzuelas nos lausprennes e puzer fóra dos altares espaventosas oleographias. Da exposição de Columbano Bordallo falaremos no proximo numero.

João da Camara.

O PAÇO DE CINTRA

DESENHOS DE SUA MDGESTADE A RAINHA SENHORA D. AMELIA. — APONTAMENTOS HISTORICOS E ARCHEOLOGICOS DO CONDE DE SABUGOSA. — COLLABORAÇÃO ARTISTICA DE E. CASANOVA E R. LINO.

E' a ultima novidade litteraria do anno que findou este livro precioso d'arte e de nobreza, sahido das mãos d'uma rainha que o borda com os graciosos desenhos do seu lapis de artista, e das de um fidalgo que se compraz no cultivo das lettras com o talento ha muito conhecido.

Favoreceu-nos o auctor com um exemplar, que muito agradecemos, e do livro vamos dizer a impressão que nos fez.

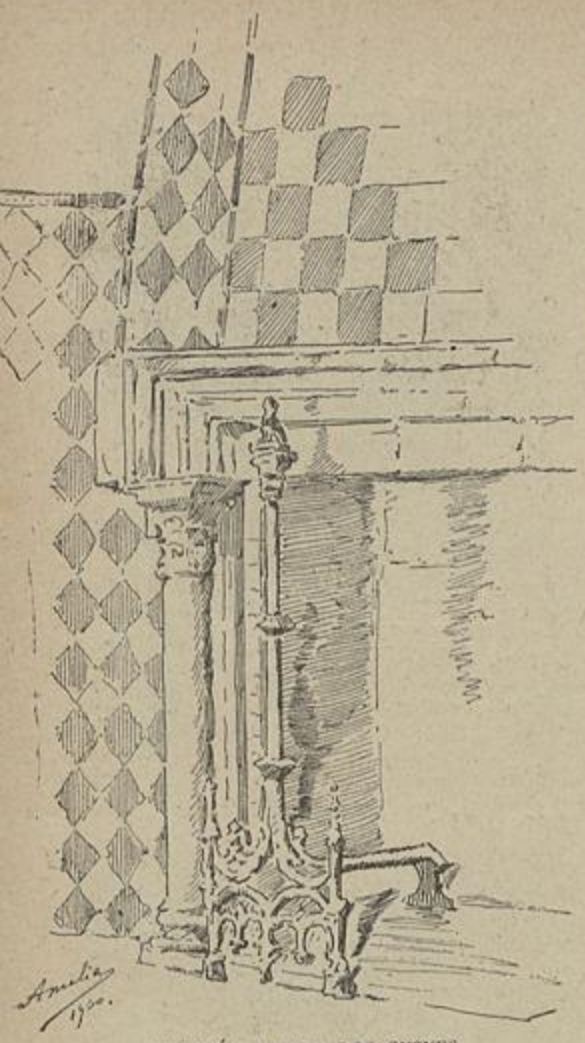
São os monumentos a historia dos povos, gravada na pedra ou no bronze, e nos contam de feitos heroicos ou de decadencias, de autonomias poderosas ou de escravidões humilhantes, e sempre documentos que não mentem de civilisações passadas, que por elles se reconstituem e avaliam atravez os tempos.

Tudo passa no mundo. As nacionalidades perdem-se, as gerações extinguem-se, e por mais gloriosa que seja sua historia ella se apagaria se não ficasse documentada em cada pedra de seus monumentos.

Um povo sem Arte é um povo sem historia.

Que me ouvissem ou podessem lêr os que ignaramente, por esse paiz fóra, tem destruido tantas memorias do passado, sem attender a que vão rasgando a historia da sua terra, da sua autonomia, da sua civilisação.

E comtudo cada pedra deslocada, a que o ma-



CHAMINÉ DA SALA DOS CYSNES

terialismo deu outra applicação, ou removida como entulho para o subsolo, com que alegria será ainda encontrada pelo investigador paciente e incansavel, como um documento que faça luz em algum ponto obscuro de suas investigações.

E é ainda a Arte, é ainda a pedra esculpida que falla, como a estatua de Memnon que cantava ao alvorecer da Aurora pelo que nos diz a fabula.

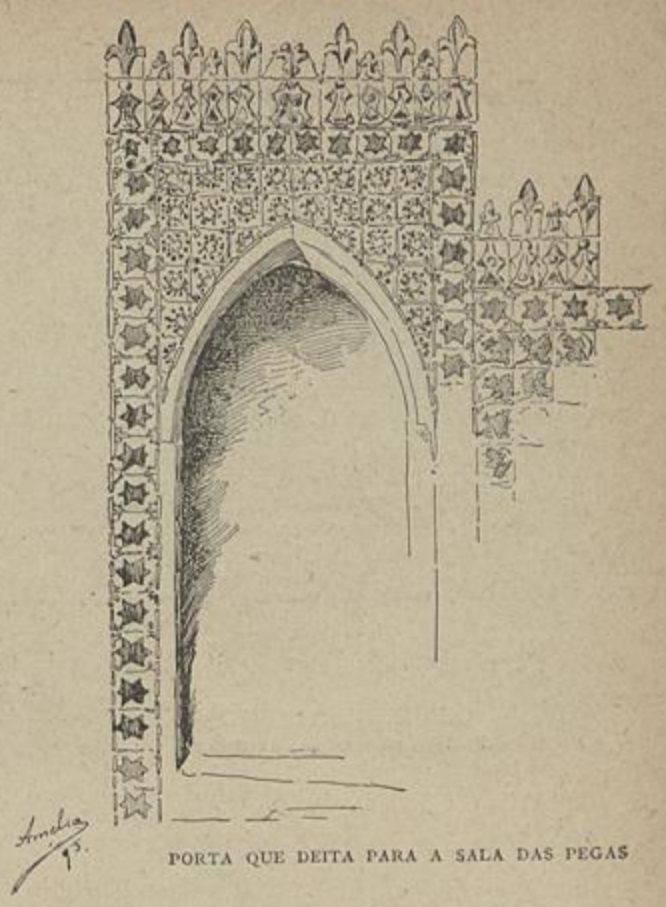
Por cada pedra encontrada se poderá dizer como Horacio *AEre perennius*, para desespero dos vandalos.

E que monumento envolve mais recordações historicas, em Portugal, que o Paço de Cintra? Que memoria mais palpitante que esse Alcaçar mourisco, que os reis christãos foram transformando com os tempos, desde a fundação da monarchia, e que as rainhas, desde a Santa esposa de D. Diniz até nossos dias ali tem passado.

E das rainhas aquelle Paço tem sido principalmente. Preferido por D. Filippa de Lencastre, foi D. João I que mais augmentou e transformou o antigo alcaçar, incluindo a celebre Sala das Pegas, de que se conta lenda engraçada.

A preferencia dada áquelle Paço por D. Filippa, foi mais ou menos seguida pelas rainhas portuguezas, dando motivo aos successivos acrescentamentos feitos, imprimindo sempre o cunho de cada epoca, pelo que n'elle se póde lêr, como em livro, a historia patria, nas mil recordações que encerra.

Aos olhos do archeologo como aos do artista não pode passar indifferente um monumento d'este valor, e por isso a Rainha sr.ª



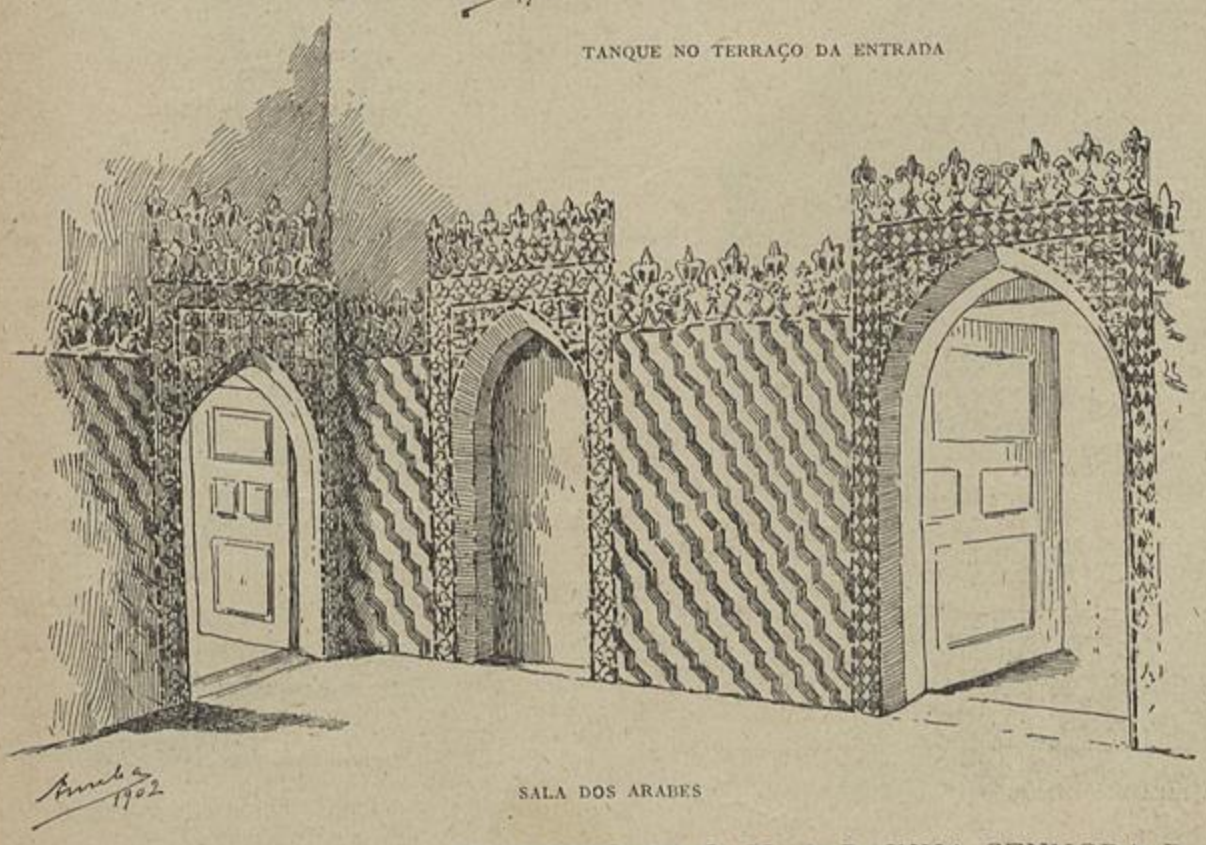
PORTA QUE DEITA PARA A SALA DAS PEGAS

D. Amelia, agradavelmente impressionada por tantas bellezas accumuladas no singular edificio, principiou a colher para o seu album, como flôres d'um jardim, os motivos que mais encantaram o seu espirito de artista, e melhor exprimem ou caracterisam a arte nas phases por que ali passou[1].

D'essas flôres se fez o *bouquet* que o sr. Conde de Sabugosa completou com a historia do Paço de Cintra,

TANQUE NO TERRAÇO DA ENTRADA

FONTE DO PATEO DA CARRANCA



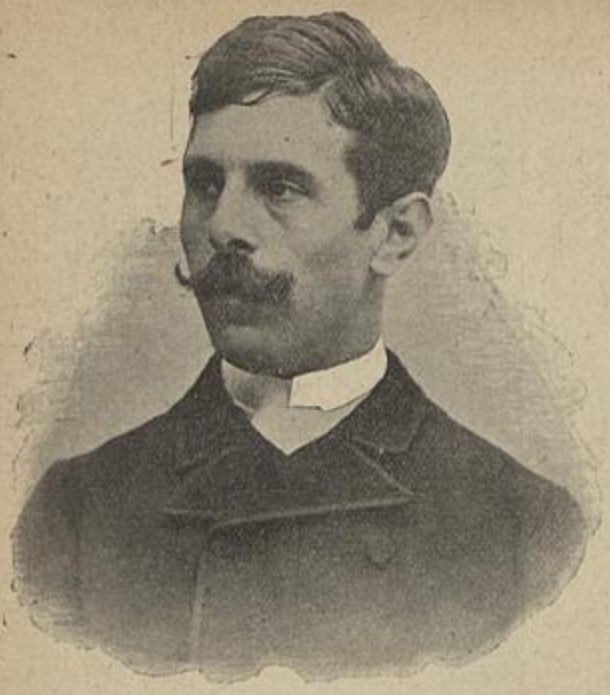
SALA DOS ARABES

historia amena, elegante, que se lê com prazer por todos que saibam lêr, o que já é bastante, e ainda pelos que não saibam, o que é mais, mercê dos suggestivos desenhos que illustram o livro.

Conseguiu o sr. Conde de Sabugosa, coisa rara, como é fallar d'um monumento tão intimamente ligado á historia, sem largas divagações ou accumulação de documentos, que enfastiassem o leitor. Essa penosa tarefa reservou-a para si, e deu ao publico a summula das

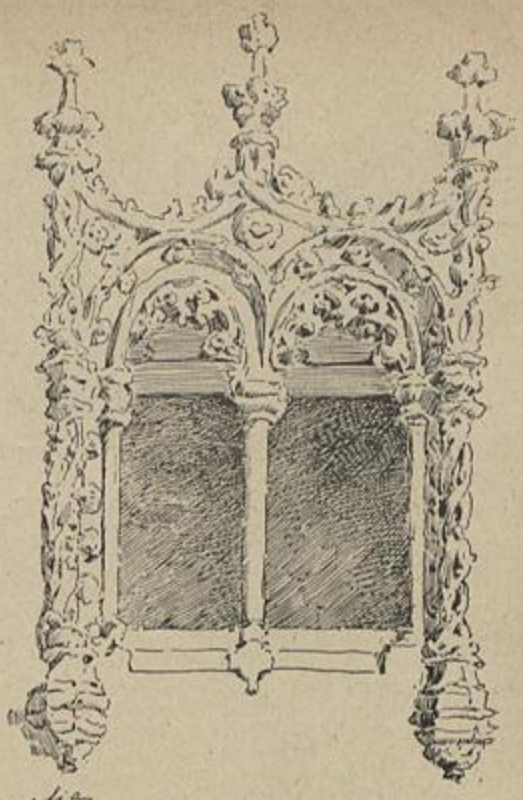
[1] Dos numerosos desenhos de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia que illustram o livro «O Paço de Cintra» foram-nos gracio-samente cedidos os que acompanham este artigo, o que muito penhorados agradecemos.

DESENHOS DE S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA

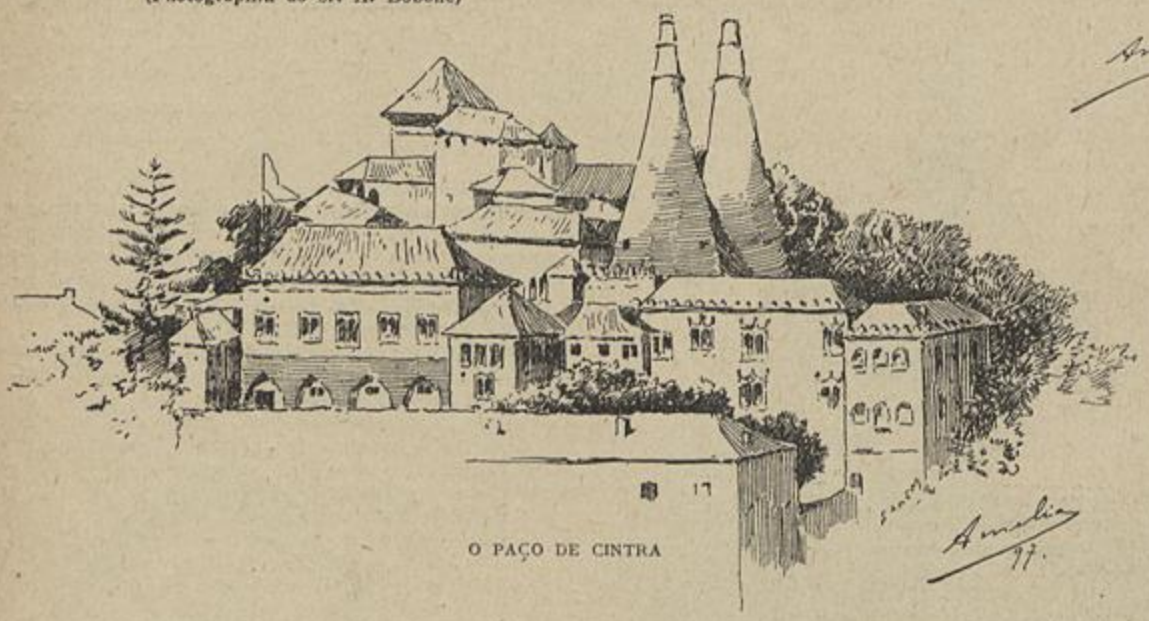


CONDE DE SABUGOSA
(Photographia do sr. A. Bobone)

JANELLA NO PATEO
DE DIANA



UMA JANELLA MANOELINA



O PAÇO DE CINTRA

REPUXO DO PATEO CENTRAL

TECTO DA SALA DOS CYSNES

DESENHOS DE S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA

A EXPOSIÇÃO DE CARTOGRAPHIA

suas trabalhosas investigações, pondo assim a historia ao alcance de todos.

E porque não, se o livro é destinado a vulgarisar-se, e só assim se poderá ensinar ao povo historia, como a respeitar seus monumentos.

Foi esse o desejo da Rainha Senhora D. Amelia; assim o cumpriu o sr. Conde de Sabugosa, provando mais uma vez o seu talento e fino gosto litterario.

Outro fim sympathico, altruista tem este livro e é, o do producto da venda ser destinado ao fundo de soccorros aos tuberculosos, constante preoccupação da Rainha Senhora D. Amelia.

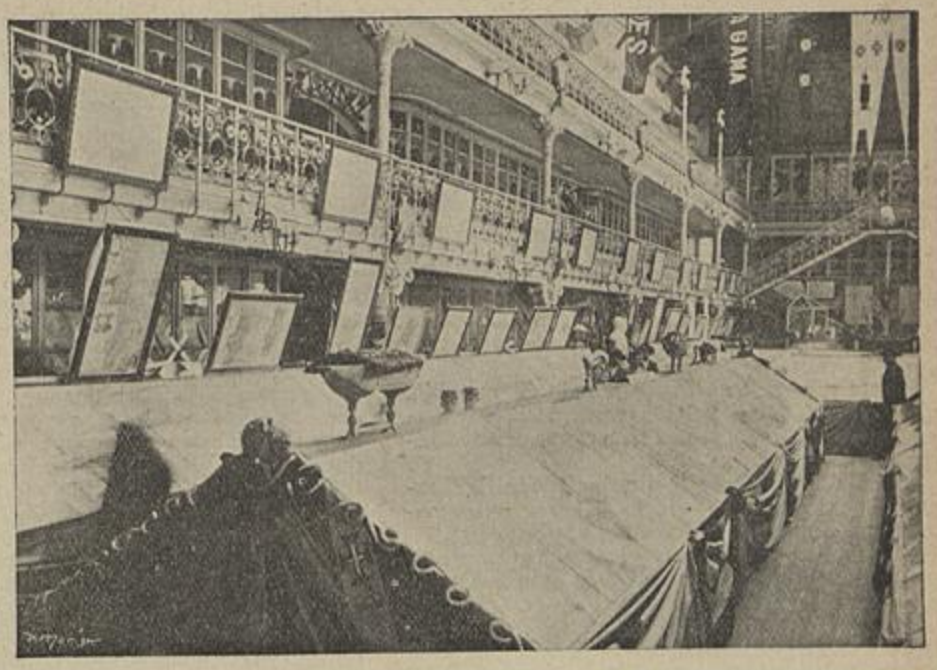
Horas abençoadas sejam as que a Augusta Princeza dedicou a este trabalho, e que as flôres colhidas se convertam em consoladora esmola.

C. A.

EXPOSIÇÃO DE CARTOGRAPHIA

Inaugurou-se no dia 2 de dezembro, findo, na Sociedade de Geographia, esta exposição, sem duvida uma das mais completas e valiosas pelo grande numero de exemplares raros que contem e mais em harmonia com a indole e fins d'aquella prestigiosa collectividade.

Suas Magestades El-Rei e a Rainha tomaram parte na inauguração d'este certamen scientifico que occupa as salas *Portugal*, *India*, *Algarve*, *Macau* e *Lisboa*, onde se



SALA PORTUGAL

(Photographia do sr. Alberto Lima)

SALA INDIA

(Photographia do sr. Alberto Lima)

accumulam verdadeiros thesouros da sciencia cosmographica.

A sala *Portugal* apresenta um aspecto ao mesmo tempo attrahente e grave, patenteando notaveis trabalhos de ha tres seculos, comprehendendo collecções avaliadas em algumas centenas de contos, tal é o seu valor estimativo pela raridade dos exemplares que as formam.

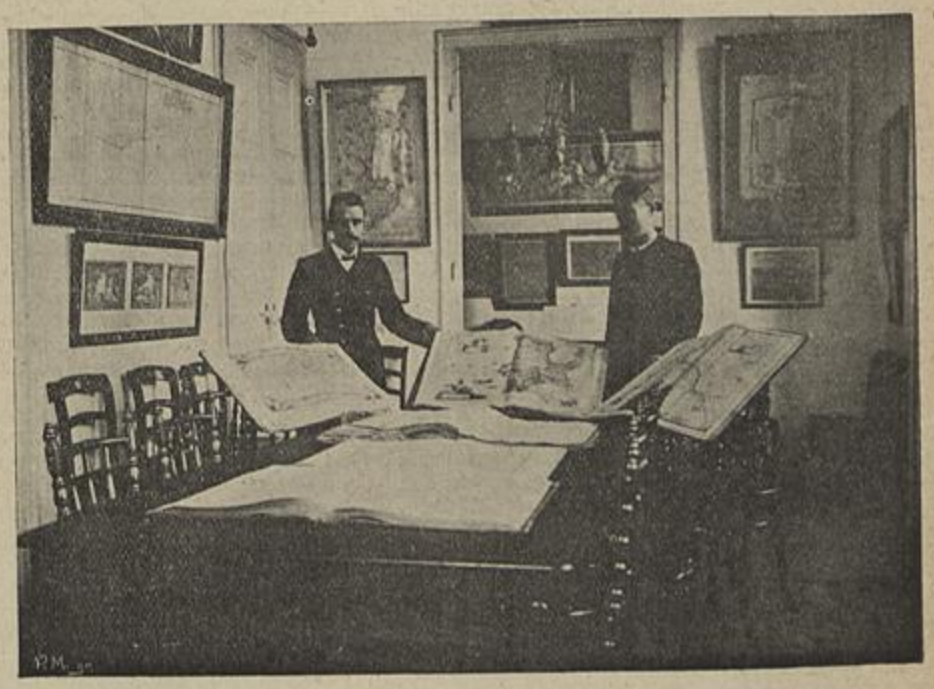
Ha cartas ali apresentadas que são exemplares unicos e que estiveram encaixotados mais de cincoenta annos.

Entre as preciosidades que se encontram n'esta sala, lembra-nos citar: O atlas geographico em miniatura do XVII seculo, propriedade do sr. Ernesto de Vasconcellos; atlas de Lazaro Luiz, pertencente á Academia Real das Sciencias; atlas de Vaz Dourado; livro das fortalezas, da Torre do Tombo; codice de Alcobaça, da Bibliotheca Nacional de Lisboa; grande carta aguarellada do curso do rio Douro, seculo XVIII; atlas contendo dois mappas de Portugal gravados em cobre, seculo XVIII; duas plantas de Lisboa, fins do seculo XVIII e começo do seculo XIX; gravura em cobre, pertencente ao sr. Brito Aranha; planta da costa d'Africa, pertencente á Direcção Geral do Ultramar; derrota Sehmerkell, idem; planta de fortificação, pertencente á Sociedade de Geographia, anno 1706; aguarella de Cintra, da Bibliotheca publica de Evora; capitania de Goys, idem; mappa-mundi em pergaminho, 1720, que entre outros pertence á Bibliotheca Nacional de Lisboa; costa da Europa, Africa e Brazil, 1726, em pergaminho, da Bibliotheca Nacional de Lisboa; planta do logar do monte de Pangim, tirada por Sarmento; cidade de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos, com costumes do Brazil. muito bem illuminadas, pertence á Direcção Geral do Serviço de Engenharia; planta da cidade de Olinda, da Direcção Geral de Trabalhos Geodesicos; prospecto da cidade de S. Paulo de Loanda, manuscripto em côres; mappa intitulado «Idéa geographica confusa das ilhas dos Açores»; interessante collecção de mappas desenhados e coloridos pelo sargento-mór José de Sande Vasconcellos, em 1683, com desenhos allusivos ás differentes partes descriptas.

Outros exemplares expostos pela Direcção Geral de Engenharia e pela Escola Naval, differentes collecções propriedade da Sociedade de Geographia, entre as quaes uma encadernada, de Portelano, em pergaminho.

Na *Sala da India* estão expostas as cartas de Sua Magestade El-Rei, sendo vinte e tres corographicas e dezesete geographicas; uma copia do Atlas de Vaz Dourado, um Portelano attribuido a Reinel e dois mappas do Brazil em alto relevo; um atlas, carta geographica e maritima de parte da America norte e parte da Europa, costas septentrionaes e occidental da Africa, propriedade do sr. conselheiro Hintze Ribeiro; um rarissimo e valioso atlas do visconde de Santarem; um magnifico mappa a oleo, de Portugal, pertencente á Academia de Bellas Artes; espheras e globos de Cornellio; varios exemplares da Direcção dos Trabalhos Geodesicos.

Na sala *Algarve* estão expostas em duas banquetas uma preciosissima collecção do sr. duque de Palmella; o



SALA MOÇAMBIQUE

(Photographia do sr. Alberto Lima)

grande mappa da ilha da Madeira, mandado fazer por D. João VI; os mappas de Africa e Manica; quadros a oleo pertencentes á Bibliotheca Nacional, representando a Ilha da Madeira e provincias de Gôa.

Da collecção do sr. duque de Palmella os exemplares que mais prendem a attenção mencionaremos:

Roteiro da viagem de Gôa a Suez, por D. João de Castro. — Descripção de todo o caminho maritimo da Terra de Santa Cruz.

Relações da India, por Pedro Barreto de Rezende, vice-rei da India; Miscellania maritima, por Cruz Madeira, em 1874 O tratado de marinheria, livro de aguarellas.

Tambem ali se encontra o livro do «Todo lo universo» de 1563; o 1.º mappa da conhecida obra de Balthazar de Vila em principio do seculo XIV, pertencentes á Bibliotheca Nacional de Lisboa.

N'esta sala expõe a Sociedade de Geographia, a Torre do Tombo, o Commando Geral de Engenharia e a Bibliotheca d'Evora, curiosos exemplares.

Na sala *Moçambique* tem a Sociedade de Geographia uma serie de edições de atlas e uma primorosa collecção de illuminuras hollandezas.

Na sala *Macau* admiram-se entre outros specimens um desenho da egreja e camara de Braga, a carta do Rio Lima publicada em 1785, o mappa da cidade de S. Thomé de Meliapor, etc.

Na sala *Lisboa* estão expostas varias edições de atlas valiosos, pertencentes á Bibliotheca de Geographia de Mercatoris, Ortello, Braunio e um exemplar raro de cosmographia datado de 1575, de Pedro Africano.

Na exposição figura ainda um exemplar do notavel atlas do celebre hydrographo e viajante francez do seculo XVIII M. Aprés de Monnovillete, publicado em Paris em 1775 pela Academia Real das Sciencias. Comprehende cincoenta e nove mappas, gravuras em cobre e abrange as costas da Africa, India e China.

Em toda a organisação d'este certamen, e na sua disposição, em que se nota um apurado bom gosto, cooperou a Direcção da Sociedade de Geographia, que teve um auxiliar valioso no seu bibliothecario sr. João Farmhouse.

E de tão subido valor é esta exposição, para os que estudam o importante ramo da cosmographia, que ninguem poderá negar que mais uma vez a Sociedade de Geographia de Lisboa prestou um valioso concurso para os progressos da sciencia moderna.

R.

VÉU NEGRO

(De Carlos Dickens)

I

N'uma invernosa noite de dezembro de 1800 um clinico moço ainda, que ha pouco se installára permanecia sentado no seu consultorio, tendo em frente de si um bom lume, de ouvido á escuta ao vento que impellia a chuva e fazia grande ruido. A noite estava fria e humida; andára todo o sancto dia por meio de lama e debaixo de chuva, e repousava agora d'essa lida, mettido n'um roupão e de chinellos calçados, meio a dormir, meio acordado, germinando-lhe no cerebro mil pensamentos.

A começo falava comsigo proprio que o vento sibilava forte, e que a chuva o alagaria se não estivesse aconchegado em casa. Em seguida accudia-lhe ao espirito a visita que todos os annos, em dia de Natal, fazia ao sitio em que nascera e aos seus melhores amigos; cuidou que ficariam satisfeitos em vêl-o e que a *miss* Rosa decerto muito alegraria saber que elle já encontrára o primeiro cliente e que poderia contar com mais alguns. Póde ser que ella se deixasse levar na viagem a Londres que tencionava fazer, e em seguida tornar-se sua companheira, e disfructar d'aquelle lar tão desolado agora e ao qual ella por si só se encarregaria de animar, com o seu riso crystallino e a sua encantadora volubilidade. Depois perguntou a si proprio quando é que o primeiro cliente, esperado tão ardentemente, appareceria ou se estaria fadado, por um designio especial da Providencia, a que não tivesse clientella, e n'essa circumstancia voltou o pensamento para *miss* Rosa; passado certo tempo adormeceu e sonhou com ella até o momento em que os sons tão suaves e agradaveis da sua voz lhe chegassem aos ouvidos e que a sua macia, terna e *mignonne* mão lhe tocasse no hombro.

Effectivamente alguem lhe poz a mão no hombro, mas não era nem macia, nem terna, nem *mignonne*, era a mão d'um rapaz nutrido, de cabeça redonda que, pela modica quantia de um *shilling* semanal e comida, tinha ordem de levar os medicamentos e fazia recados ao novo medico; e como em geral não havia quem pedisse medicamentos, nem o medico tinha necessidade de recados, passava o tempo a comer pastilhas de hortelan-pimenta, alguns alimentos solidos e a dormir.

— Está alli uma senhora á sua procura sr. dr. — annunciou o rapaz baixando a voz e sacudindo-o para que despertasse.

— Uma senhora!... que senhora? — perguntou o medico, acordando estremunhado, sem estar bem convencido se o sonho que tivera era illusão ou realidade, e esperando que lhe surgisse *miss* Rosa. — Onde é que essa senhora está?

— Está alli! — retorquiu o rapazelho, apontando com o indicador uma porta de vidro que dava para o laboratorio, e expressando no rosto a admiração que o extranho apparecimento de um cliente devia produzir no seu espirito.

O moço-medico tambem olhou para a porta, com certo pasmo, ao ver uma visita com que não contava.

Era uma mulher bastante alta, vestida de lucto; estava tão perto da porta, que o rosto quasi se collava á vidraça. Trazia a cabeça cuidadosamente embrulhada n'um chale negro, e os olhos velados por um véu tambem negro que lhe tapava o rosto por completo. Em pé, muito direita, permanecia absolutamente immovel, e, não obstante o clinico comprehendesse que aquelles olhos o fixavam por de sob o véu, a mysteriosa dama, de quem tractamos, não apparentava de modo algum que fosse vista por elle.

— Deseja consultar-me, minha senhora? — perguntou-lhe a medo o physico, ao mesmo tempo que abria a porta, que era de abrir para dentro e por consequencia, o movimento que fez não produziu mudança na posição da pseudo-cliente.

— Tenha a bondade de entrar — convidou o esculapio.

A dama adeantou um passo, e em seguida virando-se para o *groom*, com um tregeito de terror, mostrou-se hesitante.

— Vae-te e deixa-nos sós, Tom — ordenou o medico ao creado, a quem os olhos se abriram desmedidamente. — Corre o cortinado e cerra a porta.

O rapaz fez o que o medico lhe ordenára e tractou de espreitar com um olho pelo buraco da fechadura, e nós, fazendo como elle, vamos dar conta á galante leitora do que o medico e a dama fizeram.

* * *

O medico acercou do fogão uma cadeira e convidou com um gesto a desconhecida a sentar-se. A dama do véu negro encaminhou-se devagar para a cadeira indicada. Como a luz incidisse sobre o vestido negro, o medico reparou que a extremidade d'elle estava enlameada e toda molhada.

— Está encharcada? — perguntou o medico.

— Assim parece! — retorquiu a dama com um tom de voz que mal se ouvia.

— E está doente? — accrescentou elle em tom compassivo, pois que a voz que estava ouvindo apparentava soffrer muito.

— Sim — respondeu a desconhecida — bastante doente não de corpo, mas de espirito. Não é por minha causa, nem de minha propria vontade — proseguiu a dama do véu negro — que vim importunal-o. Se soffresse physicamente não andaria na rua a deshoras e n'uma noite d'invernia; se tivesse uma enfermidade insanavel, Deus sabe com que contentamento aguardaria a morte, como eu rogaria para que se amerceasse de mim. Venho pedir o seu auxilio para uma outra pessoa, doutor. Talvez isto seja loucura de minha parte, e eu acredito que effectivamente estou doida; de noite para noite, porêm, durante as terriveis e infindaveis horas de vigilia e de lagrimas, não deixou de me atormentar o cerebro a mesma ideia; e, apezar de saber que soccorro algum humano poderá servir-lhe, que está tudo completamente perdido, só o pensamento de o deixar na tumba sem ter tentado isto, gela-s'e-me o sangue nas veias.

E um estremecimento que não podia fingir-se — o que o medico comprehendeu desde logo — lhe percorreu o corpo todo.

Havia o que quer que era de lacerante, sincero na sua maneira de falar, a ponto que o medico sentiu tocar-se-lhe o coração. Novato ainda, não conhecia bem essas miserias que todos os dias passam ante os olhos d'um medico, e de tal modo que o fazem indifferente aos padecimentos humanos.

— N'esse caso — disse o juvenil clinico erguendo-se vivamente — se a pessoa a quem se refere está d'essa fórma, vou acompanhal-a já. Mas porque motivo não se dirigiu a um outro medico?

— Porque seria trabalho baldado fazêl-o ha mais tempo, porque talvez já seja desnecessario — retorquiu a mysteriosa dama, estorcendo as mãos d'um modo apaixonado.

O medico attentou um instante no véu negro, como querendo reter no olhar a expressão da physionomia que aquelle tecido occultava; era tão opaco, porêm, o véu que provocava toda a especie de curiosidade.

— A senhora, porêm, tambem não está san — retorquiu com ternura o medico. — Embora não tenha o agradavel prazer de conhecel-a, é-me facil assegurar-me de que a febre que a tem devorado sem que dê por isso, os cançassos de que indubitavelmente vem padecendo, lhe têm exhaurido as forças e a consomem pouco a pouco. Leve isto á sua bocca — continuou, deitando agua n'um copo — socegue um boccadinho e depois me contará o mais tranquillamente que lhe seja possivel a doença do enfermo e ha que epocha o apoquenta. Quando saiba o que me é strictamente necessario para que da minha presença resulte algum bem, estou ao seu dispôr para a acompanhar.

A mysteriosa dama chegou o copo aos labios sem erguer o véu, collocou-o novamente em cima da meza sem que mexesse no seu contheúdo, e desatou a soluçar.

— Sei perfeitamente — disse a dama, procurando disfarçar os soluços que lhe embargavam a voz — que o que vou referir-lhe parece um delirio febril; outras pessoas me têem dito isso mesmo, menos bondosamente do que o doutor. Não sou creança já e dizem que quando se vae afastando da vida, o pouco que d'ella nos falta, por muito insignificante que pareça a outrem, é sempre mais precioso para quem se sente desapparecer do que todos os annos que teve de vida, embora só houvessem deixado no seu espirito a lembrança de velhos amigos fallecidos ha muito, de rapazes, quiçá de creanças, que se fossem e que são olvidados com a mesma facilidade como se morressem. O natural decorrer da minha existencia não é decerto de grande duração e por esse motivo deveria aprecial-a muitissimo; comtudo assim me succede, pois que morria sem pezar, feliz, satisfeita até se o que lhe confesso franca e sinceramente fosse apocrypho ou phantasioso. Amanhan de manhan, estou certa de que a pessoa a quem me refiro, não precisará de auxilio, pois que nenhum soccorro humano o poderá livrar, e comtudo ainda hoje o doutor não lhe é, nem pode ser util.

Após um momento de silencio o clinico observou-lhe que não era seu intento objectar-lhe coisa alguma ao que vinha de narrar-lhe, podendo até parecer-lhe que queria profundar acções que mostrava empenho em occultar, mas que, todavia, via uma certa insistencia que não podia conciliar com probabilidades.

— E é que — proseguiu — me diz muito que a pessoa a quem se refere está prestes a expirar, e não me é possivel vel-a, podendo comtudo o meu auxilio ser-lhe util; receia que amanhan seja tarde de mais e apezar d'isto tudo não quer que a veja. Se, com effeito, lhe tem muita affeição, como a sua fórma de expressar deixa transparecer, porque não havemos de ver se a livramos da morte antes que o progredimento da enfermidade torne improficuo o remedio?

(Continua) *Henrique Marques Junior.*

A CENSURA DRAMATICA

Não somos dos que condemnam em absoluto a censura dramatica, e antes a temos por necessaria para corrigir dislates e liberdades de mau gosto, que deslustram a arte e não educam o publico.

Posto isto, vê-se que á censura dramatica deve sempre presidir uma orientação segura sobre o que é a arte, não a confundindo com especulações grosseiras ou insensatas de espiritos enfermiços, desequilibrados, com que ella e o publico nada tem a lucrar e antes tudo a perder.

Vem isto a proposito de uma noticia que nos surprehendeu nos jornaes, que dizia ter sido retirado dos ensaios, no theatro de D. Maria, o drama *O Pae.*

Ora *O Pae* é uma peça de Strindberg, auctor sueco, dos mais reputados, e ainda que não assistissemos á representação da sua obra, d'ella encontramos noticia na imprensa estrangeira e muito principalmente no *Annuario theatral* allemão, como peça representada nos principaes theatros e até nos subsidiados pelo Estado. Ainda mais, encontramos a peça de Strindberg estudada e commentada por authorisados criticos da Europa, e representada pelos primeiros actores, incluindo Zacconi que tem n'ella um dos seus maiores triumphos.

Se não soubessemos d'isto, ainda prevalecia a nossa surpreza, sabendo nós que a peça era traduzida por Manuel de Macedo, cujo sentimento d'artista, finura d'espirito, primores de caracter e notoria intransigencia em questões de decoro litterario, nos garantiam que elle não poria mão sobre obra de mau gosto ou de duvidosa moralidade.

O drama *O Pae* é uma obra prima de technica theatral, uma peça de combate, de grande alcance moral, pois é o ataque mais energico e bem documentado dirigido, até hoje, contra o *pseudo-femmismo* que tem invadido as nações scandinavas. Strindberg combate a mulher homem, a mulher que se não contenta com disputar primazias ao sexo forte, e pretende substituir á d'este a sua preponderancia.

Se foi isto que indignou a censura do sr. commissario regio, muito terá soffrido s. ex.ª com as licenciosas peças do moderno repertorio francez e indecorosos lupanares que tem deixado passar á luz da ribalta do palco de D. Maria.

Abyssus, abyssum invocat, mas não deixaremos passar o erro sem protesto, em nome da arte, que sempre procuramos defender, quanto o permittem nossas limitadas forças, pondo a claro o que é o drama *O Pae*, para que os meticulosos não pensem que se tratava d'algum attentado ao bom senso e decoro das plateias com peça sem arte e sem valor, de scenas licenciosas ou realismos de bordel.

C. A.

POLITICA EM PORTUGAL

(Concluido do n.º 899)

Ninguem se lembra da importancia real em differença de costumes, de usos, de tradições, da posição geographica, da temperatura de clima, etc, mil circumstancias psychicas e organicas que influem tão poderosamente sobre os habitantes do Globo que servem de guia á sciencia para definir as raças e assignalar os povos.

O governo attenda a todos estes motivos aduzidos, veja se uma bofetada ou qualquer outro aggravo da natureza similar deve equiparar-se no nivelamento de pena á malvadez revelada no assassinio aleivoso e no roubo á mão armada, só por haver sido praticado em edificio dependente dos ministerios da Guerra e Marinha, medite no unico fim do castigo e dê ao paiz modificando o mal em vigencia um testemunho eloquente de que o seu fito mais ferveroso é anniquilar todas as origens perniciosas de reclamações, provêr de justiça áquelles que a solicitam e imploram, avançar de cabeça erguida na estrada ampla de todas as conquistas da civilisação hodierna.

Esta é a missão suprêma no exercicio do poder e o merito honroso do direito de seus membros á apotheose da posteridade.

V

Economias. — Os largos dispendios que não podem justificar-se por occorrencia de circumstancias de gravidade momentosa dão apenas relêvo a espirito esbanjador e alimentam parasitismo nauseabundo sempre alliado a inepcia.

Isto demonstra-se de modo irresistivel com factos conhecidos amplamente, quer se achem ligados a vida historica de nacionalidades, quer sejam relativos a condições domesticas de existencia particular de familias.

Quando, porém, á frente d'estas se encontram pessoas de bom senso adverte-lhes o instincto natural que regulem as despezas em harmonia com a receita certa, não perdendo tambem de vista no presente as contingencias provaveis do futuro.

O chefe de familia sensato e prudente evitará com escrupulo crear situações embaraçosas que lhe imponham recurso extremo de emprestimo.

O dinheiro emprestado só é util ao capitalista se a caução correspondente garante juros com segurança.

A' parte alguns casos singulares de excepção, aquelles que contrahem emprestimos agravam mais seu estado, visto que ficam obrigados a pagamentos de juros.

Quer dizer: se uma divida anterior já lhes difficultava a existencia, a contrahida recentemente embora dê margem a liquidar aquella traz maiores encargos em acrescimo de despesas de novos titulos e contractos e não altera sensivelmente a situação moral.

Devemos, todavia, notar que succede assim na hypothese mais favoravel por quanto os encargos pezam progressivamente mais consoante o augmento proporcional das quantias pedidas, e emfim, chega o momento de não haver capital, nem penhor de credito.

O mesmo acontece em relação a cada povo.

Individuos constituem familias, familias constituem povos e nações, e o que é verdadeiro no tocante ao ser isolado não perde seu valor intrinseco no tocante ás collectividades.

Se Portugal não fosse exemplo do que acabo de affirmar, pediria á historia de extranhos materia de prova.

Infelizmente, possuimol-a de casa e o que é peor, toda a gente confessa o peccado e ninguem pensa sériamente em reagir contra o mal.

A ordem do dia de todos os governos e de quasi todos os ministerios resume-se e compendia-se n'uma palavra unica — emprestimo.

Não se olha pela agricultura e pelas industrias nacionaes com proposito firme de levantal-as e melhoral-as: em occasiões solemnes, á mesa de banquetes, porventura conforme o thermómetro alcoolico das taças de brindes marca a temperatura de cabeça dos convivas, empregam-se como tom de phrase expressões animadoras para lavradores e para industriaes.

No parlamento, quando algum representante se propõe armar a effeito em face das galerias recita discurso apropriado em que não faltam termos elogiosos para os grandes proprietarios do solo e palavrões technicos gratos a industrialismo.

Tudo isto não passa porém de progresso de batrachio e de expediente já hoje muito gasto.

Semelhante conjuncto de coisas anómalas faz pensar que o sangue de portuguezes de agora differe grandemente do liquido precioso e nobre que corria outr'ora em veias de nossos antepassados.

Se aqui houvesse actualmente o sentimento incondicional de dedicação á causa do paiz que produziu um Affonso Henriques e um Egas Moniz, que animou um D. João I e um Nuno Alvares Pereira, que inspirou um Affonso de Albuquerque e um D. João de Castro, se n'esta terra em que já floresceram tantos varões illustres cujo nome egregio ainda tem significado em cerebro de estrangeiros dominasse alguma coisa mais que interesse mesquinho de partidos fóra de prúmo, nós certamente não seriamos apontados além fronteiras com epitheto pouco decoroso e nada edificante.

Porque razão continuamos a manter uma representação diplomatica numerosissima e cara?

Quem não póde sustentar luxo passa sem elle e limitasse ao estrictamente indispensavel em necessidades mais instantes.

Portugal não só tem um avultado numero de legações custosas, mas algumas d'ellas problematicas em utilidade real.

Não era facil nem cordato suspender abruptamente relações entretidas de longa data com differentes paizes onde existem ministros portuguezes acreditados; mas é obvio e praticavel preparar terreno pelas proprias vias diplomaticas afim de se chegar sem desaire a suprimir embaixadas prescindiveis.

O regimento antigo como, de resto, todas as coisas n'este mundo pode modificar-se e substituir-se.

Vou ainda mais longe: estou convencido que o governo que emprehendesse tal tarefa rasoavel encontraria pessoal habilitado para o exercicio consular que até gratuitamente se prestaria a representar o Estado em paizes em que fossem extinctas legações actuaes.

E, n'estas condições, com certeza se depararíam individuos mais capazes de prestar serviços relevantes que entre os immensos pretendentes gananciosos que, em geral, só miram os processos mais promptos de conseguir proventos não obstante d'ahi resulte prejuizo á patria.

O officialato militar sae egualmente entre nós por preço elevadissimo e até irrisorio, se se levar em linha de conta a exiguidade de territorio em confronto com a superficie das grandes potencias.

O nosso exercito, relativamente, conta maior numero de generaes que o exercito francez cujo effectivo é muitissimo superior ao de Portugal.

Será esta maravilha uma peregrina belleza de invenção productiva de rendimento, ou prova cabalissima de systemas ignaros em politica dirigente?

Imponha o governo aos aspirantes a fazer Avenida de banda ao lado e de galões no casaco a obrigação de encetar tirocinio pelas colonias no ensino de indigenas que aprenderão a defendel-as sob disciplina de officiaes da metropole, residentes; transforme no continente do reino em corpo de policia uma parte do exercito, suprima a restante estendendo a todos os cidadãos a instrucção de recruta e occupe-se com todo o ardor de sua boa vontade em administração franca e leal da coisa publica, arvorando como arbitro unico e venerado o imperio da lei.

Não sejamos mais pygmeus esbanjadores de dinheiros publicos, tornemo-nos homens economicos só movidos pelas glorias da patria e pelos respeitos da justiça.

D. Francisco de Noronha.

O MEZ METEOROLOGICO

Dezembro 1903

Altura barometrica Max. 770,mm7 em 22.
» » Min. 749,mm0 em 16.

Durante o mez invadiram a peninsula tres depressões barometricas, tendo estas, attingido em Lisboa, a sua maior area de profundidade nos dias 12 (Min. 752,mm3), 16 e 31 (751.mm3)

Thermometro Max. 15°,8 em 7.
» Min. 3°,7 em 2 e 27.

A temperatura foi em geral baixa no mez. As maximas inferiores a 12° foram notadas nos seguintes dias: em 1 (10°,2) em 2 (8°,2) em 3 (9°,2), em 21 (11°,6) em 23 (11°,3) em 24 (11°,5) em 25 (11°,6) em 26 (10°,6) em 27 (9°,7) em 28 (7°,9) em 29 (11°,8) em 30 (11°,7) e em 31 (11°,1).

As minimas inferiores a 5°, foram observadas nos dias 2, 26, 27 e 28.

Ceu. Bom tempo 5 dias. Nublado 20. Encoberto 6.

Ventos predominantes. NE até 3. SW em 4 e 5. NW de 6 a 12. SW de 13 a 17. NW até 19. NE em 20 e 21 e d'entre NW e SW até ao fim do mez.

Chuvas Durante o mez, foram recolhidos no pluviometro, 140mm,6 de chuva, em 24 dias.

Os dias de maior chuva foram: em 9 (10mm,5) em 14 (37mm,3) em 17 (17mm,2) e em 29 (18mm,5).

Neve em 8, 17 e 26.

Trovoadas e granizo em 14 e 28.

Arco Iris em 15.

NECROLOGIA

ACTOR GAMA

A carreira d'este artista, que falleceu em Lisboa no dia 16 de dezembro ultimo, foi feita nos theatros do Porto, onde se elevou no conceito do publico frequentador dos theatros do Principe Real e do extincto Baquet.

Era um actor illustrado e conscienciosо, fiel cumpridor dos seus deveres, estudando com dedicação os seus papeis e procurando distinguir-se sempre no desempenho d'elles.

A forma distincta como elle desempenhou o Larivandiere da *Madame Angot*, a correcção e tensão dramatica que imprimiu ao Gaspar dos *Sinos de Corneville*, tornaram o seu nome respeitado no mundo da arte.

São bens de fortuna, e passada a virilidade dos annos Gama cahiu na decadencia, como succede a todos que não se podem affastar a tempo do theatro, onde as noites de gloria e de applausos se tornam eccos fugitivos do passado.

Ultimamente o illustrado gerente do theatro de D. Maria, cuja bondade de coração e nobreza de caracter é de todos conhecida, o sr. Fernando Maia, contava-o no numero dos seus escripturados, e ainda assim velho e alquebrado pelos annos e pela doença, Gama mostrou que não lhe faltava a intuição artistica na forma como desempenhou o capellão nos *Peraltas* e *Secias* que ainda representou no domingo 13, isto é, tres dias antes da sua morte.

ACTOR JOAQUIM CARLOS DA GAMA

VICE-ALMIRANTE PEREIRA SAMPAIO

Com 63 annos de edade e victimado por uma aneurisma, falleceu no dia 10 de dezembro ultimo este illustrado official da marinha de guerra portugueza, cujos serviços, tanto na metropole como no ultramar, justificavam a alta consideração em que era tido pelos seus collegas.

José Pereira de Sampaio, nasceu em 1840 e alistou-se na armada em 4 de abril de 1853.

Foi promovido a 2.º tenente a 9 de maio de 1860; a 1.º tenente a 19 de maio de 1862; a capitão-tenente em 26 de maio de 1873; a capitão de fragata a 5 de junho de 1884; a capitão de mar e guerra a 7 de junho de 1885.

Commandou o deposito da estação naval de Angola, exerceu o cargo de capitão do porto de Loanda, e o de chefe de estado maior da divisão naval da Africa Occidental.

Commandou as canhoneiras *Rio Minho* e *Tavira* na esquadrilha fiscal da costa; as escunas *S. Thomé* e *Napier* e corveta *Bartholomeu Dias*; foi 2.º commandante do corpo de marinheiros, commandante da 1.ª e 3.ª divisão do mesmo corpo, vogal do commando fiscal de administração, presidente da commissão de serviço de reserva da armada, director da Cordoaria Nacional, etc.

Era condecorado com a Real Ordem Militar de S. Bento d'Aviz e com as medalhas de prata de bons serviços e de serviços no ultramar.

VICE-ALMIRANTE
JOSÉ PEREIRA SAMPAIO

Recebemos e agradecemos:

Kalendario da Fabrica da Pampulha.—Como todos os annos, vem este kalendario visitar-nos, sempre com novidades e cada vez mais bello. O d'este anno é uma bonita composição em que avulta o quadro da *Expulsão dos jesuitas pelo Marquez de Pombal*, representando o grande estadista no primeiro plano. Ao lado direito, em graciosa moldura vê-se o retrato do incançavel e intelligente industrial, proprietario da *Fabrica de Bolachas da Pampulha* sr. Eduardo Costa, e na parte inferior do Kalendario, o monumento de D. José I, na Praça do Commercio, e os depositos da fabrica em Lisboa, na rua dos Retrozeiros, e do Porto na rua de D. Pedro. Em graciosos motivos decorativos estão dispostos os emblemas do Commercio e da Industria, as armas portuguezas e as medalhas de grande numero de exposições nacionaes e estrangeiras onde os productos da Fabrica de Bolachas da Pampulha tem alcançado os primeiros premios.

E' graciosa e feliz a composição d'este Kalendario primorosamente executado nas officinas d'*A Editora*, sob as indicações do sr. Eduardo Costa, com o bom gosto e cuidado que tem por tudo que sae da sua fabrica, e muito em especial pelos brindes que offerece aos seus clientes, sendo para notar que este bello trabalho é todo executado por artistas portuguezes, podendo soffrer vantajoso confronto com o que lá fóra se faz de melhor, no genero.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

LOJA DO LOPES
(Socio-gerente que foi dos Armazens de S. Roque)
Armazem de Fazendas e Modas
LISBOA — 111, 113, RUA DE D. PEDRO V, 115, 117 — *LISBOA*
ARTIGOS DE RETROZEIRO
MODAS E ATELIER DE MODISTA
espartilhos barba direita, Modelo EVA HUMBERT
Fazem-se tambem de encommenda para o que ha espartilheira para ir tomar medidas e provar a casa das freguezas.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes
DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO
Exame endoscopico da urethra e bexiga.
Colheita de urina de cada um dos rins
CONSULTAS { Senhoras — ás 10 horas da manhã / Homens — ás 3 » da tarde
LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

BERLITZ SCHOOL
LINGUAS VIVAS

Lisboa	*Porto*	*Coimbra*
Rua do Alecrim	*Largo dos Loyos*	*Vianna*
20 A.	*14*	*Braga*

Ensino pratico por professores estrangeiros

Guilherme da Silva Spratley & C.ª
Antiga casa A. Augusto da Silva, Successores
FUNDADA EM 1840
Vinhos do Porto e outras qualidades para consummo e exportação
ESCRIPTORIO
162 — Rua do Arsenal — 164 — LISBOA

Empreza de Carruagens Fidelidade
Proprietario — JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR
N.º TELEPHONICO 500
Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences
PARA TODOS OS SERVIÇOS
Rua de S. Bento, 46 — LISBOA
E no ESTORIL, Parque do Ex.mo Sr. José Vianna

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE
Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900
Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras
R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

Alfredo Rebello
CIRURGIÃO DENTISTA
Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa
Dentaduras artificiaes, em ouro, caoutchou, etc., pelos systemas mais aperfeiçoados. Extracções de dentes sem dor. Elixir Odontologico «REBELLO»
Consultas todos os dias das 9 ás 5 da tarde
39, 1.º — POÇO DO BORRATEM, — 39 1.º
Em frente da Rua da Bitesga — LISBOA

Atelier Photo-Chimi-Graphico
P. MARINHO & C.ª
Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA
N.º telephonico 829
Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

Patisserie C. Benard
104, Rua Garrett, 106
LISBONNE

CASA BANCARIA
José Henriques Totta
69, 71, Rua do Ouro, 69, 75
LISBOA